

# TRABALHO: EXPERIÊNCIAS LABORAIS À LUZ DA LOGOTERAPIA E DA ANÁLISE EXISTENCIAL

## WORK: INDUSTRIAL EXPERIENCES IN THE LIGHT OF LOGOTHERAPY AND EXISTENTIAL ANALYSIS

Marcus Tulio Caldas

Laura Cândida Pedrosa Caldas

Rosana de Fátima Oliveira Pedrosa

Wellington Martins de Lira

Zirlana Menezes Teixeira

**Resumo.** O objetivo geral da pesquisa relatada no presente artigo foi compreender as experiências vividas por trabalhadores que exercem seu trabalho numa empresa de grande porte no Estado de Pernambuco. Os objetivos específicos foram: resgatar, de modo breve e no plano teórico, aspectos ligados à evolução histórica, social e antropológica do trabalho bem como analisar o sentido do trabalho na experiência de trabalhadores no contexto da empresa pesquisada. A metodologia adotada fundamentou-se num estudo de natureza qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados as narrativas de trabalhadores participantes, às voltas com questões ligadas a situações inadequadas de trabalho. Foram selecionados dois participantes que estavam sendo acompanhado no setor de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) da referida empresa. Os resultados, analisados à luz da Logoterapia e da Análise Existencial, apontam que situações laborais inadequadas podem comprometer o sentido do trabalho e seus valores, principalmente no que se refere à autocentralização em contrapartida ao trabalho em equipe, ao comportamento narcísico em detrimento ao sacrifício da autotranscendência. Concluímos, a partir de nossa pesquisa, que os logoterapeutas vêm sendo cada vez mais demandados acerca da importância do contexto de trabalho como aspecto estruturante da sociedade.

**Palavras-chave:** trabalho; logoterapia; análise existencial.

**Abstract.** The overall objective of the research reported in this article was to understand the experiences of workers who perform their work in a large company in the State of Pernambuco. The specific objectives were: rescue, briefly and in theory, aspects linked to the historical, social and anthropological evolution of the work and analyze the meaning of work in the experience of workers in the context of the researched company. The methodology was based on a qualitative study, whose data collection instrument narratives of participants employees, dealing with issues related to inadequate work situations. They selected two participants who were being accompanied in Organizational Psychology Industry and Labour (POT) of that company. The results, analyzed in the light of Logotherapy and Existential Analysis, pointed out that inadequate work situations can compromise the meaning of work and its values, especially as regards the self-

centering in turn to teamwork, the narcissistic behavior over the sacrifice of self-transcendence. We concluded from our research that logoterapeutas are being increasingly demanded of the importance of the work context as a structural aspect of society.

**Keywords:** work; speech therapy; existential analysis.

## INTRODUÇÃO

Etimologicamente, na língua portuguesa, ensina Albornoz (1994), o termo *trabalho* deriva do latim *tripallium*: um instrumento feito de três paus com pontas aguçadas, algumas vezes com pontas de ferro, usado pelos agricultores para segar o trigo, o milho e o linho, isto é, rasgá-los e esfiapá-los, obtendo a substância. Tal instrumento, embora definido como de tortura e sofrimento pela maioria dos dicionários, só teve esse uso posteriormente, na ação de alguns senhores sobre seus escravos, porém não na sua origem. Claro que esse caráter de pena e padecimento se transfere ao termo trabalho, pelo menos até o século XV, a partir do qual o sentido que se vai firmando é o de exercício de atividade produtiva.

Contemporaneamente, os dicionários definem o trabalho como a aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar determinado fim; atividade coordenada, de caráter físico ou intelectual, necessária a qualquer tarefa, serviço ou empreendimento e, ainda, o exercício permanente dessa atividade, como ofício ou profissão. Para Houaiss (2010), trabalho é o conjunto de atividades humanas, manuais ou intelectuais, que visa à produtividade, à criação e à produção de riqueza.

Segundo Albornoz (1994), a palavra *trabalho* tem muitos significados na linguagem cotidiana, entre os quais: dor, tortura, suor no rosto, fadiga, aflição, operação humana de transformação da matéria natural em objeto da cultura, o homem em ação para sobreviver e realizar-se; criação de artefatos que vão transformando o mundo.

Na cultura grega, o termo tem os sentidos de fabricação, de esforço e de pena (castigo); na cultura romana são usados dois termos: *laborare*, com sentido de *a ação de trabalhar* (labutar) e *operare*, com o sentido de *produzir uma obra*. Esses dois sentidos também são observados na cultura espanhola, com os termos *trabajar e obrar*. Na cultura portuguesa, embora existam os termos labor e trabalho, cada um deles pode ser usado em ambos os sentidos: o de realizar uma obra que identifique um autor, que lhe dê reconhecimento social e permaneça além da vida e o de realização de um esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e de incômodo inevitável.

Codo (1993) compreende o trabalho como algo que diferencia o homem dos demais seres vivos, justamente por fazê-lo capaz de transformar e controlar o meio onde vive, demandando da natureza para seu conforto e manutenção. Os vários sentidos que o homem pode dar ao trabalho, como vimos, torna esse campo rico em possibilidades de experiência

da existência.

Nesse sentido, o objetivo geral da nossa pesquisa foi compreender as narrativas de experiências vividas por trabalhadores que exercem seu trabalho numa empresa de grande porte. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: resgatar, de modo breve e no plano teórico, aspectos ligados à evolução histórica, social e antropológica do trabalho; analisar as experiências de trabalhadores associadas a situações de trabalho e relacioná-las com a Logoterapia e a Análise Existencial.

Quanto à metodologia, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados as narrativas de trabalhadores às voltas com questões ligadas a situações de trabalho, numa grande empresa. Foram selecionados dois participantes que estavam sendo acompanhados pelo setor de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) da referida empresa. Os resultados encontrados foram compreendidos à luz da Logoterapia e da Análise Existencial.

## DESENVOLVIMENTO

### O TRABALHO: BREVE OLHAR HISTÓRICO, SOCIAL E ANTROPOLÓGICO.

É inquestionável que desde a presença do homem na terra o trabalho se fez presente. Há registros do mesmo, desde os primórdios da humanidade, cerca de oito mil anos a.C., a partir da agricultura, em comunidades de caçadores e de coletores. Oliveira (1995) relata que na pré-história, o trabalho, na forma primitiva da

economia, consistia em contemplar os ciclos da natureza. O objetivo era garantir a sobrevivência, evoluindo com a confecção de instrumentos para auxiliar na pesca, no pastoreio e na caça. Conforme registros era um ato espontâneo, prazeroso, associado à ideia de felicidade, em que pessoas se reuniam para executarem uma atividade de interesse coletivo.

A mitologia, através do mito de Sísifo dá um exemplo do significado dado ao trabalho, decorrendo inclusive desse mito a expressão “trabalho de Sísifo”, ou seja, sem sentido, sem objetivo. Já no mito de Hércules, o trabalho aparece com o sentido de força, de coragem e bravura (Tittoni, 1994). O ato de trabalhar revelou-se, naquele momento, como uma tendência não inata, reflexo das relações cultural e socialmente estabelecidas, comenta Lobato (2004).

Com o passar do tempo, o trabalho, considerado como um dos elementos integrantes das relações humanas vai apresentando características que possibilitam classificá-lo, como propõe Martins (2000).

O autor, abordando as relações de trabalho, cita algumas etapas ou momentos. O primeiro momento, desenvolvido sob a égide da escravidão, como acontecia na Grécia de Platão e Aristóteles, tinha conotação pejorativa, cabendo aos escravos a atividade braçal para que os homens livres, os filósofos, pudessem pensar, ou seja, exercer a atividade intelectual. O trabalho braçal era antagônico ao exercício da sabedoria, o principal objetivo da sociedade grega (Borges e Yamamoto, 2004; e Krawulski, 1998). Essa característica da antiguidade clássica

greco-romana, que considerava o trabalho braçal e manual indigno e fonte de castigo, não era o único sentido possível. Nesse aspecto, Hesíodo, Protágoras e os Sofistas mostraram o valor religioso e social do trabalho, que agradava aos deuses, criando riquezas e formando o homem independente. Também nas classes mais pobres e nas religiões de mistério, o trabalho era visto como atividade dignificante.

A ideologia do trabalho manual, braçal, como atividade indigna foi imposta pelos conquistadores Dóricos (da aristocracia guerreira) aos Aqueus (povo conquistado) e era costume nas guerras que o povo dominado se tornasse escravo do vitorioso. Essa escravidão era exercida principalmente no campo do trabalho. Muralhas, pirâmides, templos, palácios foram erguidos com o trabalho de povos escravizados.

O segundo momento da evolução das relações de Trabalho, segundo Martins (2000), é caracterizado pela passagem da relação de escravidão para a feudal. Os senhores feudais protegiam, militar e politicamente, seus servos e estes, em contrapartida, trabalhavam para o senhor feudal.

No terceiro momento, surgem as chamadas "corporações de ofício", formadas por três categorias de trabalhadores: os mestres (donos de oficinas), os companheiros (trabalhadores remunerados pelos mestres) e os aprendizes (menores que ajudavam no trabalho e aprendiam o ofício).

A figura do companheiro só aparece no Século XIV, pois, até então, só existiam mestres e aprendizes. Nessa fase o trabalhador adquire um pouco de liberdade, na medida em que,

quando chegavam à situação de companheiro passavam a ser remunerados, porém o interesse das corporações de ofício (dos donos das oficinas) estava acima de qualquer direito dos trabalhadores. As relações de trabalho caracterizavam-se por estruturas hierárquicas fortes (os mestres podiam até castigar corporalmente os aprendizes, embora estes pagassem para aprender). Outra característica desse período é a centralização na capacidade produtiva e na técnica de produção. Após serem submetidos a "exame de obra", os companheiros eram elevados a mestre.

Com o advento do lampião a gás, inventado por William Murdock, em 1792, os aprendizes podiam trabalhar até 18 horas por dia. Usualmente, o trabalho tinha uma jornada em torno de 12 a 14 horas. Nessa época, não havia ainda o contrato de trabalho.

É com a Revolução Francesa (1789) que surge o quarto momento na evolução da relação de trabalho, pela extinção legal das "corporações de ofício". Através da Lei de Chapelier (1791), a França proibiu a existência das corporações de ofício e de agrupamentos profissionais, criando a *liberdade contratual*. O Estado começa a regular as relações de trabalho, para evitar que a liberdade contratual fosse usada distorcidamente, esboçando assim o nascimento de um ramo do direito relativo à atividade produtiva, o Direito do Trabalho.

Em 1864, a França reconhecia o direito de greve e em 1880 era fundado o Partido Operário. Em 1884, a Câmara francesa aprova uma Regulamentação Internacional do Trabalho e, em 1889, realiza o Congresso

Internacional dos Trabalhadores, estabelecendo o "1º de maio" como dia do trabalhador e limitando a jornada de trabalho em 8 horas.

Nessa evolução nas relações de trabalho foi fundamental o pensamento protestante, instaurado a partir da Reforma (1517), contribuindo para uma mudança de visão sobre o trabalho, colocando-o como base e chave da vida, como dizia Lutero, e também um modo de servir a Deus, de forma que só seu árduo exercício poderia conduzir ao êxito. Albornoz (1994) lembra que Max Weber associa a ética protestante ao espírito do capitalismo, indicando um intercruzamento entre a Psicologia do homem religioso e a Psicologia do homem econômico. A vocação para o trabalho secular aparece como expressão de amor ao próximo e a perda de tempo e o ócio passam a ser o primeiro e o principal de todos os pecados.

Albornoz (1994) afirma que com o Renascimento (Século XVIII) alguns marcos importantes começam a acontecer: o trabalho é tomado como expressão da personalidade do homem e a melhor maneira de preencher sua vida. A razão para trabalhar está no próprio trabalho, pois a satisfação dessa atividade não decorre da renda, da salvação, do status, do poder sobre as outras pessoas, mas do processo técnico inerente ao trabalho. Outro aspecto a destacar é que, à exceção de Jean Jacques Rousseau, os pensadores iluministas ovacionavam a positividade da cultura, da ciência e da técnica do trabalho humano. Outra característica desse período é a teoria econômica conhecida por Liberalismo, em que economistas clássicos, como Adam Smith e David Ricardo,

vêm no trabalho humano a fonte de toda riqueza e de todo valor. Essa visão, porém, segundo a mesma autora, dizia respeito, apenas, à utilidade exterior do trabalho e não ao entrosamento deste com o homem.

No período que antecedeu a Idade Média ocorreram mudanças significativas no trabalho, culminando com a crise no modo de produção feudal e o início do modelo capitalista, como já citado acima na fase das corporações de ofício. Os trabalhadores eram artesãos, cuja especialização determinava sua identidade social e profissional como: João ferreiro, José carpinteiro, sapateiro, tecelão padeiro, por exemplo. A família auxiliava nos trabalhos para aumentar a renda, sendo comum o filho seguir o ofício do pai (Pinto, 2014). Marcou a Idade Média a diversificação das atividades laborais, assim como o fortalecimento do artesanato, o surgimento do comércio e o aumento da pecuária e da agricultura. Essa multiplicidade de tarefas promoveu riqueza, criando novas necessidades e novas relações de trabalho, relata Lobato (2004). O *Homo Economicus* surgiu como modelo de homem e como paradigma legitimado pelo lucro. Alguns fatos marcaram este período da História, destacando a separação entre o ambiente doméstico e público, o êxodo rural e o desenvolvimento das cidades (Oliveira, 1995; Antunes, 1995; e Heloani, 1996). Os artesãos começaram a organizar a produção, a adotar prazos de entrega, a priorizar as solicitações dos clientes, a estabelecer o preço de produtos e assim se fortaleceram como economia capitalista (Escorsim, Kovalieski, Pilatti, e Carletto, 2005).

Marx (1987) pontua dois importantes marcos na produção capitalista. O primeiro, a reunião dos operários num mesmo ambiente (a fábrica), produzindo em série (uma única atividade econômica), sob o jugo de um empregador. O segundo, o acelerado processo de acumulação de capital e o efetivo desenvolvimento desse sistema econômico. O trabalhador, para sua subsistência, vendeu sua força de trabalho como mercadoria. Para garantir mais valia nessa relação de troca, o capitalista prolongava a jornada de trabalho ao mesmo tempo em que buscava estratégias para aumentar a produção. Apesar destas características a sociedade capitalista não se tornou apenas, uma economia da exploração, do sofrimento e da alienação dos trabalhadores; conforme ressaltam Heloani (1996) e Caldas (2007).

Com a Revolução Industrial, principal fato histórico entre o final do século XVIII e início do século XIX, a máquina a vapor, o rádio, o submarino, a eletricidade e os derivados de petróleo como fontes de energia (algumas das conquistas tecnológicas deste período), duas classes econômicas se estabeleceram: o proletariado, que produzia os serviços e bens e representava a força de trabalho, e a *burguesia*, capitalista, consumista, detentora do direito de punir e de recompensar, da propriedade, da produção e de seus meios. A tradição paternalista foi o parâmetro que garantiu força às funções gerenciais e à autoridade hierárquica no trabalho, cujo objetivo era fiscalizar e controlar a força de trabalho.

Por outro lado, como afirmam

Hopenhayn (2001), Lassange & Sparta (2003) e Borges & Yamamoto (2004), também há mudanças no trabalho, que luta pela incorporação de requisitos de cidadania, embasado numa ética cristã. A Igreja Cristã exerceu forte influência na construção de uma civilização trabalhadora e nesse sentido destacamos o Papa Leão XIII com sua Encíclica Social Rerum Novarum (Coisas Novas) que afirmava a desigualdade intrínseca entre os homens, o trabalho como oportunidade de reparação dos pecados e a defesa do capital, mas, por outro lado, criticava as condições inadequadas de trabalho e os salários insuficientes à manutenção do trabalhador.

Do ponto de vista socioantropológico, o sentido e os vínculos psicológicos que o homem estabelece com o trabalho se modificam ao longo do tempo. Leite (1994) chama atenção para os efeitos das inovações tecnológicas e na relação direta entre o trabalho e o consumo, com impacto na gestão de pessoas, na organização e no trabalhador.

Tratando da questão do trabalho no Brasil, verifica-se que até a década de 1930, as condições de trabalho eram desumanas, não havia descanso semanal e as jornadas eram irregulares. No Governo Getúlio Vargas, a classe operária conquistou direitos, reunidos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). A força do movimento sindical, as greves e outros movimentos foram determinantes para definir um salário mínimo, limitar a jornada de trabalho, afiançar uma política salarial, estabelecer normas de segurança e de saúde ocupacional, assegurar o direito a férias, dentre

outras garantias trabalhistas (Borges & Yamamoto, 2004; e Lobato, 2004).

A década de 1950 marcou a internacionalização da economia brasileira e o fortalecimento dos direitos trabalhistas. O fim das duas Guerras Mundiais e a Grande Depressão marcou a crise econômica mundial. O trabalho sofreu novo impacto com o aumento do desemprego e a escassez de mão de obra, culminando num cenário de comoção social. A Psicologia, a Ciência Política e a Sociologia passaram a ocupar uma posição estratégica na administração das empresas, *legitimando a ideologia do comando e dando suporte técnico aos gestores para mensurar, controlar e reforçar o desempenho do operário* (Dejours, 1993 e Borges & Yamamoto, 2004). As ciências humanas propuseram o Estado de Bem-Estar, um novo modelo econômico, que fazia um apelo ideológico e preconizava a satisfação, os vínculos afetivos, a conquista profissional e o bem-estar social da classe trabalhadora. O sentido cristão do trabalho, fonte de sofrimento como reparação dos pecados e conquista do reino de Deus, dá lugar ao sucesso, ao prazer e à busca da felicidade através do incentivo ao consumo e a uma falsa percepção de riqueza, rompendo as concepções capitalistas tradicionais. Neste modelo, o trabalho assume um papel instrumental, viabilizando a satisfação socioeconômica e a qualidade de vida do trabalhador (Antunes, 1989; Heloani, 1996).

Esta breve introdução histórica e antropológica a respeito do trabalho mostra com clareza como esse campo da atividade humana foi adquirindo paulatinamente significado na

vida dos homens.

Um dos autores do presente artigo nunca esqueceu um texto, lido há muitos anos atrás, em que um escritor relata a emoção que sentiu em uma visita a um museu quando ao observar um vaso de cerâmica percebeu que o escravo que o confeccionou assinou sua obra. Tomado de ternura sentiu-se íntimo, se perguntando como seria o rosto desse homem, se afinal ambos artistas, poderiam ter se tornado amigos. Sentiu como se séculos de história se debruçassem sobre ele com a proximidade que o escravo e sua obra de arte lhe propiciaram.

Para os estudiosos da obra de Frankl ficaria claro que a dimensão noética, a partir da vontade de sentido, a liberdade e a responsabilidade estariam presentes no enlace emotivo que se estabeleceu entre o artesão e o escritor, séculos depois da obra ter sido criada.

Importante enfatizar que a liberdade e a responsabilidade não se evidenciam apenas frente às tomadas de decisões diante das situações enfrentadas; mas também diante da possibilidade de realizar valores que, segundo o autor, estariam presentes em três categorias. É **pela realização dos valores na “vida-vivida”** que o sentido se mostra.

A primeira categoria de valores se realiza nos momentos de plena satisfação e enriquecimento pessoal por meio de vivências: o homem acolhe o mundo na entrega à beleza natural e à arte. O que na vida decide o seu caráter de sentido são justamente os momentos simples tal como a experiência do escritor acima descrita. Embora se trate apenas de um instante, a intensidade do sentimento que o uniu ao

escravo ao observar o vaso assinado, seguramente o fez experimentar a grandeza da obra que observava que assim adquiriu uma face humana.

Frankl (2003, 2011, 2015) evidencia em seus escritos a importância do trabalho como possibilidade de realizar valores e sentido. Trata-se da realização dos valores criativos, de criação ou criadores; a segunda categoria.

Enquanto os valores criadores ou a sua realização ocupam o primeiro plano da missão da vida, a esfera da sua consumação concreta costuma coincidir com o trabalho profissional. Em particular, o trabalho pode representar o campo em que o caráter **de algo único' do indivíduo se relaciona** com a comunidade, recebendo assim seu sentido e o seu valor. Contudo este sentido e valor é inerente em cada caso, à realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não a profissão concreta como tal ( 2003,pág 160).

Exemplifica, relatando o caso clínico de um jovem embaixador, insatisfeito com sua profissão, apresentado evidentes sinais de neurose noogênica (Frankl, 2015). Como sabemos tal neurose se caracteriza por apresentar sinais e sintomas de ansiedade, depressão, insônia, sentimento de insatisfação e de inutilidade, ambiguidade e demais semelhantes aos da neurose clássica. Entretanto, a não realização de valores e de sentido, o vazio existencial, estaria na raiz de tal sintomatologia. A conclusão do caso clínico confirmou tais

considerações: a mudança de profissão levou a uma remissão da sintomatologia neurótica.

Segundo Frankl (2011) a vida também se revela, em princípio, plena de sentido quando não é fecunda em criações nem rica em vivências. A terceira categoria de valores, os valores de atitude, é realizada no modo como o homem lida com as limitações das situações que se apresentam. Por mais ausente dos valores vivenciais e criativos que a situação possa se mostrar, a vida oferece uma última oportunidade para realizar valores. A vivência dos valores de atitude sempre se verifica quando o homem está diante de um contexto perante o qual nada mais pode fazer que aceita-lo e suportá-lo. São atitudes como a valentia no sofrimento e a dignidade na ruína que deixam claro que a existência humana nunca deve ser considerada sem sentido, uma vez que, enquanto ser consciente, o homem é também um ser responsável, respondendo à vida ao realizar valores.

Almada (2013) em seu livro sobre O Cansaço dos Bons comenta sobre a prevenção do burnout. Considerada uma patologia ligada ao desgaste profissional, caracteriza-se por cinismo, ou seja, atitudes depreciativas em relação à clientela, despersonalização: sensação de estar funcionando distante e com frieza. Ansiedade, depressão, risco de suicídio, além do abuso de álcool e drogas também fazem parte dessa síndrome. É frequente que profissionais entusiasmados e dedicados sejam acometidos por esse transtorno. Em desespero, uma das atitudes possíveis diz respeito ao abandono da profissão. Inteiramente desnorteados é comum

que assumam a culpa para si por tal situação, não encontrando outras possibilidades de sentido.

Como podemos ver, mesmo realizando valores e sentido, o trabalho pode trazer muito sofrimento que pode ser evitável a se considerar a obra de Almada (2013).

O autor sugere uma série de regras, aparentemente simples, que podem ser muito eficazes: uma agenda, divisão de tarefas, liderança suave e principalmente valores e sentido que certamente minimizarão o cansaço e a dureza do labor.

Pattakos (2010), em seu livro *Prisioneiros de Nossos Pensamentos*, propõe como atitude o que chama de “otimismo verdadeiro”. O autor acredita que em situações profissionais, ou de outra ordem, em que as dificuldades parecem extraordinárias, pode acontecer três opções: assumir firmemente a responsabilidade sobre a situação permitir-se uma atitude positiva que potencializa criativamente as possibilidades de ação e, por fim, conectar atitude e vontade de modo que o agir transforme possibilidade em realidade. Sem, naturalmente, esquecer a emoção / paixão que acompanha tais momentos.

Acredita o autor que assim poderemos, exercendo a liberdade, nos livrarmos das prisões imaginárias que cotidianamente nos submetem nossos próprios pensamentos.

Estar sempre ocupado, em uma atividade com sentido, significa ter objetivos e planos, evitar o vazio e os riscos que traz para a saúde mental, principalmente a depressão, que por sua vez aprofunda o sentimento de

inutilidade, de falta de horizontes e de esperança.

## ESTUDO DE CASOS

### CASO 1

Juliana (nome fictício), 38 anos, separada, mãe de três filhos menores, formada em direito, pós-graduada em gestão pública. Gerente de contratos de empresa pública de grande porte do Estado de Pernambuco, onde coordena uma equipe de 25 administradores de contratos. Relata bom relacionamento com a equipe até certo momento. Os problemas começam com a admissão de Antônio (nome fictício), administrador de empresas, contratado na cota de pessoas com deficiência após liminar judicial, mas que não cumpre as normas; desrespeita a chefia e os colegas, dificultando as rotinas de trabalho no setor. Juliana diante das dificuldades começa a apresentar sinais e sintomas de depressão e ansiedade que estão inibindo sua atividade profissional.

O exame do caso a partir da logoterapia nos mostra alguns sinais e sintomas a serem considerados. Juliana tem dificuldade para dar limites a si mesmo, acredita ser capaz de lidar com competência tanto na criação dos filhos quanto na coordenação de sua equipe de trabalho. Compreende que está tudo bem com a família e o trabalho porque se sente no controle. Neste sentido, Almada (2013) nos lembra das **armadilhas da “competência” entendida como qualidade intrínseca ao indivíduo**. O mesmo autor comenta que, uma vez que busquemos provar a nós mesmos o nosso valor, a tendência é perdermos a consciência de nossas

possibilidades e de nossa capacidade de avaliar os riscos e os benefícios.

Afortunadamente a instituição em que trabalha possui um bom Departamento de Recursos Humanos que a orientou quanto a um acompanhamento psiquiátrico e psicológico, garantindo em seu retorno da licença para tratamento de saúde, reassumir seu cargo com todas as vantagens salariais.

O comportamento da trabalhadora ao reassumir seu cargo mostrou o quanto foi capaz de aprender com a experiência de sofrimento. Ela reconheceu a dificuldade de lidar com aquela situação em especial, solicitando auxílio à equipe e a outros setores da instituição em que trabalha que a auxiliaram a encaminhar a questão. Podemos considerar que ela começou a perceber o valor da autotranscendência em detrimento da arrogância narcísica; desenvolvendo, assim, habilidades no sentido de construir relações de comunhão (Almada, 2013). Ela pode, então, assumir um otimismo verdadeiro (Pattakos, 2010), trazendo para si uma firme responsabilidade, adotando atitudes criativas e as conectando com vontade.

## CASO 2

Alexandre, 62 anos, casado há 30 anos, pai de quatro filhos. No momento da pesquisa vivia várias situações familiares profundamente perturbadoras: há cerca de um ano descobriu que a esposa está com câncer e, aproximadamente na mesma época, um de seus filhos recebeu o diagnóstico de uma doença degenerativa que evoluiu com rapidez levando a um estado de invalidez. Esta situação significou

um aumento de custos em seu orçamento já bastante comprometido. Recentemente assumiu a guarda de um neto. Seu filho, pai da criança, casou novamente e a companheira não aceitou o enteado.

Motorista na referida empresa tem abusado de bebidas alcoólicas, inclusive no local de trabalho, tornando-se agressivo e violento. Em certa ocasião, após ser receber a medida disciplinar de suspensão ameaçou o chefe com arma branca, sendo desarmado pelos colegas. Alexandre, obviamente, se sente demandado por situações que estão refletindo em seu local de trabalho. Mas, segundo seus próprios colegas sempre foi responsável e um bom companheiro de trabalho. Diante da suspensão de suas atividades com o correspondente corte de salário o levou ao desespero de ameaçar seu chefe.

Após esse momento de crise e com a ajuda de seus colegas de trabalho, concorda que está precisando de ajuda e aceita se afastar para um tratamento de desintoxicação.

Ao retornar ao trabalho, comenta, no setor de psicologia, que tentando poupar a esposa, companheira de toda vida e os filhos, por razões óbvias, que terminou por ir além de suas forças. O mito de Hercules, (Tittoni, 1994) sucumbiu diante do contexto estressor que somado às regras constituintes do contrato de trabalho contemporâneo (Martins, 2000) foram a gota d água que fez desencadear o sofrimento psíquico. Naquele momento, pessimista, sem conseguir pensar em nenhuma outra saída que não fosse o agravamento de suas dificuldades, entrou em uma espécie de labirinto do qual não

mais conseguia sair, restando, apenas, a violência.

Nesta direção, Pattakos (2010) nos lembra do quanto podemos nos tornar prisioneiros dos nossos pensamentos, “abdicando” da autotranscendência e em consequência disso, o sentido se transforma em falso sentido e o “sacrificar-se” em falsos valores de atitude.

Com a ajuda do setor de psicologia da empresa está reorganizando as responsabilidades familiares. A esposa está indo bem em seu tratamento e disposta a ajudá-lo. A reflexão logoterápica nos lembra de que valores e sentido não se encontram apenas no trabalho e Alexandre pode preencher vazios existenciais ao colocar sua história de sofrimento sob a perspectiva da busca de sentido, compreendendo o inevitável que pode lhe acontecer. Acreditamos que além das sobrecargas familiares e das dívidas financeiras a fragmentação do mundo vivido na pós-modernidade certamente teve seu papel no vazio existencial que experimentou e que desesperadamente o lançou na toxicomania e na violência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a reflexão realizada pôs em relevo a importância do sentido do trabalho

e as consequências para as pessoas quando sua atividade profissional não corresponde à possibilidade de realizar valores, principalmente os valores de criatividade. Entretanto, outras fontes de sentido e valores são igualmente importantes como ficou patente, sobretudo, no segundo caso pesquisado.

Também constatamos que a partir da logoterapia é possível identificar algumas das situações que podem comprometer a realização de sentido e valores no campo do trabalho: o risco da autocentralização em detrimento do trabalho em equipe, do comportamento narcísico em sacrifício da autotranscendência.

Novos aportes em Logoterapia e Trabalho estão lançando luzes para uma abordagem logoterápica mais eficaz, com benefícios para o trabalhador e sua comunidade mais próxima e para a atividade laboral, como na pesquisa que gerou o presente artigo.

Os logoterapeutas têm igualmente se preocupado com questões como a organização do ambiente de trabalho e da estrutura da sociedade como um todo, não esquecendo que o sentido e os valores sempre estão presentes e representam possibilidades terapêuticas fundamentais.

## REFERÊNCIAS

Albornoz, S. (1994) O que é trabalho? São Paulo. Brasiliense.

- Almada, R. S. (2013). *O Cansaço dos bons: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional*. São Paulo. Cidade Nova
- Antunes, R. (1989). *O que é sindicalismo*. São Paulo. Brasiliense.
- Antunes, R. (1995). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Ed. da Universidade de Campinas.
- Borges, L. O; Yamamoto, O. (2004). *O mundo do trabalho* In: Zanelli, J. C.; Borges-Andrade, J.; e Bastos, A. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. (p. 24-62). Porto Alegre: Artmed.
- Caldas, L. P. (2007). *Assédio moral no trabalho, sofrimento e impactos na família: estudo com trabalhadores atendidos no CEST (Centro Especializado em Saúde do Trabalhador), da Prefeitura do Recife/PE*. (Dissertação de Mestrado). Recife. UNICAP.
- Codo, W. (1993). *Trabalho e sofrimento psíquico*. Petrópolis: Vozes.
- Dejours, C. (1993). *Inteligência operária e organização do trabalho: a propósito do modelo japonês de produção*. In: hitara, H (org.) *Sobre o modelo japonês*. São Paulo: USP.
- Escorsim, S; Kovalieski, J.L; Pilatti, L.A. e Carletto, B. (2005). *A evolução do trabalho do homem no contexto da civilização: da submissão à participação*. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador - Tecnologia e civilização. Ponta Grossa, Paraná. Recuperado em 11 de abril de 2015, da:  
[http://www.uel.br/grupoestudo/processocivilizadores/portugues/siteanais/anais9/artigos/mesa\\_debates/art26.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processocivilizadores/portugues/siteanais/anais9/artigos/mesa_debates/art26.pdf)
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido*. São Paulo. Paulus.
- Frankl, V. E. (2015). *Um sentido para a vida*. São Paulo. Ideias e Letras.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo. Quadrante
- Heloani, R. (1996). *Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo. Cortez.
- Hopenhayn, M. (2001). *Repensar el trabajo*. Buenos Aires. Norma.
- Houaiss (2010). *Mini Dicionário da Língua Portuguesa*. (4a ed.). Rio de Janeiro. Objetiva.
- Krawulski, L.(1998) *Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelos trabalhadores de hoje*. (Dissertação de mestrado). Mestrado em Administração Pública. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Lassance, M.C. & Sparta, M.(2003) *A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4, 13-19.
- Leite, M. P. (1994) *O futuro do trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo. Página Aberta.
- Lobato, C.R. P.S. (2004). *O significado do trabalho para o adulto jovem no mundo do provisório*. *Revista de psicologia da UnC*, 1, 44-53.
- Martins, S.R. (2000). *Direito do Trabalho*.(11ª ed.). São Paulo Atlas.
- Max, K. (1987). *O capital: Crítica da economia política*. (12a ed.). Rio de Janeiro. Bertrannd.
- Oliveira, C.R. de. (1995). *História do trabalho*. (3a ed.). São Paulo. Ática.

Pattakos, A. (2010). Prisioneiros de nossos pensamentos. Rio de Janeiro. Rocco.

Pinto, T. (2014). Cercamentos e revolução industrial inglesa. Recuperado em 04 de maio de 2014, da:  
<http://www.brasilecola.co/historiag/cercamentos-revolucao-industrial-inglesa.htm>

Tittoni, J. (1994). Subjetividade e trabalho. Porto Alegre. Ortiz.

Enviado em:

Aceito em: